

Brossard acha que a cena "tragicômica" das escolhas prenuncia fim de um ciclo

Brasília — O Senador Paulo Brossard (RS), em seu quarto discurso, desde que assumiu a liderança do MDB, criticou vigorosamente o processo de escolha dos governadores, afirmando que diante desse espetáculo "a República Velha chega a oferecer modelos de bom exemplo. Nunca jamais se desrespeitou o povo de maneira tão ostensiva" — acrescentou. A cena "tragicômica" da indicação dos futuros governadores, em sua opinião, "prenuncia um fim de ciclo".

Ele abordou também a solução dada pelo Banco Central ao caso dos cheques administrativos sem previsão do Banco Econômico (aproximadamente Cr\$ 197 milhões), beneficiando um Ministro de Estado, por decisão de outro Ministro de Estado, à custa do dinheiro de todos". Indagou ao Presidente da República se ele não vê no fato, "um caso de malversação de dinheiros públicos e enriquecimento ilícito".

CENA PSEUDO-ELEITORAL

O Senador gaúcho iniciou seu pronunciamento criticando a maneira como vêm sendo escolhidos os novos governadores. Repetindo palavras do Presidente Ernesto Geisel de que as reformas de abril visaram "a democratização e liberalização maiores dos costumes políticos", ele observou que as decisões estão sendo tomadas exclusivamente pelo Palácio do Planalto, cabendo às convenções, simplesmente, o papel de "aprovar" as escolhas.

Depois de transcrever vários editoriais do JORNAL DO BRASIL e comentários do jornalista Carlos Castello Branco, condenando o processo de indicação, o líder emedebista disse que essa "inqualificável cena pseudo-eleitoral" reduziu os Estados a "meras Capitânias, cujos Governos são concedidos aos donatários pelo Poder central, ainda que se continue a falar em Federação e a proclamar-se sua intocabilidade. "Até o grande Estado de São Paulo, "se viu convertido em Capitania e aguarda o seu Martim Afonso, de Souza, a ser despachado da Corte".

Citando trechos de pronunciamentos feitos pelo Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, em que ele sustenta a tese de que os Governos sucessivos deviam ser "oriundos sempre da escola popular legítima", ele procurou demonstrar a distância que a Revolução de 1964 tomou dos seus primeiros ideais.

"Os conceitos do Presidente Castello Branco parecem de um seiscentista... Hoje a interdição do povo, oficialmente reduzida a incapaz de escolher dirigentes e representantes; a porta aberta ao caciquismo, que pelo voto não chegaria ao Poder, nem postularia candidaturas, mas que desenterra títulos quando se trata de chegar ao Poder sem o voto popular; sobre tudo a repetição do velho, quanto tanto se fazia necessário o fluxo renovador da mocidade, que neste país é a maioria da população".

O Governo, na opinião do Sr Paulo Brossard, "faz ho-

je, através de provimentos casuistas, o que a fraude fazia antes de 30. Em outros tempos a fraude se fazia após as eleições; agora ela antecede as eleições, mediante o expediente de conformar ou deformar os colégios em função dos resultados a atingir".

"Cinquenta anos decorridos" — destacou o representante emedebista — "o pacote de abril veio institucionalizar todos os abusos da República Velha". O ex-Presidente Washington Luiz se não houvesse purgado seus erros no exílio, "teria sido redimido pelo que veio a ocorrer depois de 64, e ainda agora pelo ato, unipessoal e soberano, do Sr Ernesto Geisel, designando ele, e só ele, o seu sucessor e o eventual sucessor do seu sucessor".

Deixando de ser "o primeiro magistrado da Nação, decretando, num exclusivismo odioso, a interdição de milhões e milhões de brasileiros, lavrando a separação entre irmãos, que nenhum brasileiro tem o direito de fazer, tudo para assegurar a permanência no Poder de uma facção, que no Poder não se conservaria pelo voto popular", o Presidente Ernesto Geisel — segundo o líder emedebista — fez coisas "inconcebíveis" mesmo na República Velha.

O Sr Paulo Brossard, lançou de volta ao Presidente da República as "paternais" indagações dirigidas à Oposição, convidando-o a olhar o mundo que cerca o Brasil e os múltiplos exemplos da História, observando que, depois da *Lei Falcão*, o país já assistiu a debates entre os candidatos americanos Ford e Carter e acompanhou a recente campanha eleitoral da França.

"Aqui" — salientou o líder emedebista — "a Nação foi aquinhoadada com um novo General, que deverá exercer a Presidência da República por seis anos, sem que se tivesse ouvido a sua voz e conhecido as suas idéias, até que a *Folha de S. Paulo* levantasse um pouco o véu do seu pensamento, que, por sinal, assombrou gregos e troianos" — ironizou o Sr Paulo Brossard.